

# ***Estudos surdos: uma abordagem lingüística<sup>1</sup>***

FABIANO SOUTO ROSA<sup>2</sup>  
ALEXANDRE MORAND GOES<sup>3</sup>  
LODENIR BECKER KARNOPP<sup>4</sup>

## **RESUMO**

*Linguagem e sociedade estão ligadas entre si e formam a base da constituição do ser humano. Por isso, ao estudarmos o fenômeno lingüístico e as línguas de sinais, estamos tratando também das relações entre linguagem e sociedade. A lingüística, ao estudar qualquer comunidade que usa uma língua, constata, de imediato, a existência de diversidade ou de variação, ou seja, toda comunidade - no caso aqui investigado, a comunidade de surdos - se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de usar a língua de sinais. A essas diferentes maneiras de fazer sinais, a sociolingüística utiliza a denominação de “variedades lingüísticas”. O presente trabalho objetiva discutir a relação entre língua de sinais e variedades lingüísticas e para isso analisa essas variedades na língua de sinais brasileira (LIBRAS) e as diferenças observadas na realização dos sinais em algumas regiões do Brasil ou mesmo em diferentes sinalizadores. A análise inclui textos produzidos em sinais e posteriormente traduzidos para o português de diálogos entre surdos de diferentes regiões brasileiras, em que os interlocutores referem mudanças observadas nos sinais realizados por eles ou por seus interlocutores surdos.*

**Palavras-chave:** *surdos, Língua de Sinais Brasileira, lingüística.*

---

<sup>1</sup> Pesquisa realizada com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS - Processo 03/0052.3)

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Pedagogia/ULBRA – Bolsista PROICT/ULBRA

<sup>3</sup> Acadêmico do Curso de Letras/ULBRA

<sup>4</sup> Professora – Orientadora do Curso de Letras e PPG Educação/ULBRA (lodenir.karnopp@ulbra.br)

<sup>5</sup> Trechos traduzidos da LIBRAS para a Língua Portuguesa.

## ABSTRACT

*Language and society are linked to each other and form the basis of the constitution of the human being. Because of this, when studying the linguistic phenomena and sign languages, we are also dealing with the relationships between language and society. Linguistics, when studying any community which makes use of a language, immediately reports the existence of diversity or variation, that is, every community, in this case the deaf community, characterizes itself by the use of different ways of using the sign language. For these different ways of making signs sociolinguistics uses the denomination "linguistic varieties". The present work aims at discussing the relationship between sign language and linguistic varieties. Therefore, in order to do so it analyses these varieties in the Brazilian Sign Language (LIBRAS) and the differences observed in the making of signs in some regions of Brazil as well as the different signers. The analysis was composed of texts produced in signs and later translated to Portuguese of dialogues between deaf people from different regions of the country in which the signers refer to changes observed in the signs made by them or by their deaf partners.*

**Key words:** deaf, Brazilian Sign Language, linguistics.

As línguas de sinais existem de forma natural em comunidades lingüísticas de pessoas surdas. No entanto, não há uma única língua de sinais para todos os surdos, pois eles se organizam em grupos e formam comunidades lingüísticas diferentes. Além disso, não estão geograficamente em uma mesma localidade, mas espalhados em várias partes do mundo.

Os usuários da língua de sinais brasileira (LIBRAS) conseguem se comunicar uns com os outros e entendem-se bastante bem, apesar de não haver sequer dois que façam sinais da mesma maneira. Algumas diferenças devem-se à idade, escolaridade, maior ou menor contato com a comunidade surda, sexo, classe social, personalidade, estado emocio-

nal. O fato de sermos capazes de identificar pessoas conhecidas pela forma como falam (nas línguas orais) ou pela forma como fazem sinais (nas línguas de sinais) mostra que cada pessoa tem uma maneira característica de usar a língua, diferente das outras. Denominam-se **idioletos** as maneiras únicas do modo de falar ou sinalizar de cada indivíduo. Para ilustrar a definição de idioleto transcrevo um diálogo entre surdos<sup>5</sup>:

Eva (E) (31:44) Eu percebo no teu jeito de fazer o sinal 'vermelho', uma forma peculiar. A tua orientação de mão é diferente, o pulso está mais para o lado. Esse é um jeito só teu ou é um jeito dos surdos de Pernambuco?

---

<sup>5</sup> Trechos traduzidos da LIBRAS para a Língua Portuguesa.



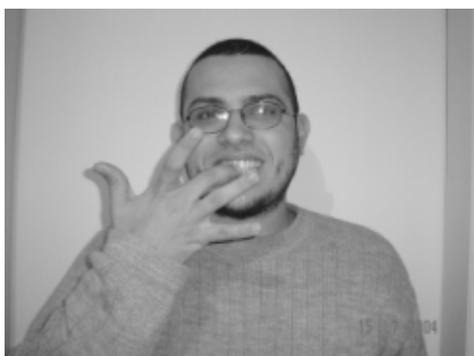
VERMELHO

Pedro (P) (32:01) É verdade! É um jeito só meu, mas não faz diferença, o sinal continua sendo o mesmo, apesar de a forma ser um pouco diferente.

E (32:05) Outro detalhe interessante é que

algumas pessoas quando fazem o sinal “branco”, fazem questão de encostar o dedo nos dentes [risos]...

P (32:09) Verdade! Verdade! E ainda abrem bem a boca para mostrar os dentes!



BRANCO

E (32:13) Isso não é necessário. Veja só: para o sinal “branco” não é necessário nem abrir a boca, nem encostar o dedo no dente! Imagine se eu estou comendo e sinalizando, ficaria um horror abrir a boca! Vejo que aí é culpa de alguns professores [ao ensinar sinais]!

P (32:38) Sim, embora o sinal “branco” tenha tido a motivação da cor do dente,

ele não precisa ter esse contato, ele vai se desprendendo...!

E (32:44) O sinal “branco” deve ser sinalizado de forma natural, assim como as palavras no português têm um ritmo, os sinais também têm um ritmo...

(KARNOPP, 2004)

Além dessas diferenças individuais (idioletos), a língua utilizada por diferentes grupos de pessoas pode apresentar variações regulares, variações em determinados grupos, conforme a proximidade entre as pessoas. Quando a língua de sinais usada por surdos de regiões geográficas ou grupos sociais diferentes apresenta diferenças sistemáticas, diz-se que esses grupos usam sinais diferentes, ou seja, **dialetos** da mesma língua. Os dialetos nas línguas de sinais podem ser definidos como formas mutuamente compreensíveis dessa língua e com diferenças sistemáticas.

No entanto, nem sempre é fácil decidir se essas diferenças sistemáticas entre duas comunidades lingüísticas representam dois dialetos ou duas línguas distintas. A definição mais simples, que tem sido utilizada é: “Quando dois dialetos se tornam mutuamente ininteligíveis, ou seja, quando os usuários de um dialeto já não conseguem compreender os usuários de outro, esses dialetos tornam-se línguas diferentes”. Claro que a dificuldade está em definir o que é “inteligibilidade mútua”, pois considerar o uso lingüístico de duas comunidades como dialetos ou como línguas diferentes transcende questões lingüísticas, já que há questões políticas e de identidade cultural. Dado que a lingüística por si só não consegue estabelecer uma distinção clara entre língua e dialetos, consideraremos dialetos da mesma língua as versões mutuamente compreensíveis da mesma gramática básica que se distinguem de forma regular. Todas as comunidades lingüísticas apresentam, de fato, variações sistemáticas no uso da língua de sinais. Essas variações podem se apresentar no vocabulário, na gramática, enfim, na forma como o surdo usa os sinais.

A diversidade de dialetos tende a aumentar conforme o isolamento comunicativo (ou geo-

gráfico) entre os grupos. Esse isolamento comunicativo existe em grupos de pessoas surdas e aumenta, portanto, as diferenças entre um dialeto e outro. As mudanças que ocorrem em uma determinada região não se estendem necessariamente a outras regiões. Se alguma barreira de comunicação separa grupos de surdos – quer se trate de uma barreira física, geográfica, social, política, racial, social ou religiosa – as alterações lingüísticas não se divulgam facilmente e as diferenças dialetais aumentam.

As alterações dialetais não se dão todas ao mesmo tempo; dão-se gradualmente, tendo muitas vezes origem numa região e espalhando-se lentamente a outras, por vezes ao longo de várias gerações de usuários da língua. Uma mudança que ocorra numa região, mas que não se estenda a outras regiões, dá-se o nome de **dialeto regional** (FROMKIN & RODMAN, 1993, p. 269). No diálogo entre os surdos, um do Nordeste e o outro do Sul, eles descrevem algumas diferenças visíveis na língua, os dialetos regionais.

- E (39:15) Minha pergunta agora é sobre as diferenças entre os sinais produzidos em Pernambuco e no Nordeste comparados com os sinais do Sul, de Porto Alegre. Percebes algumas diferenças?
- P (39:22) Sim, percebo que há muitas diferenças! Talvez em torno de 15% do total dos sinais sejam diferentes! Em Porto Alegre há um jeito diferente de fazer sinais!
- E (39:21) Eu observo que aqui no sul [Porto Alegre] se utiliza muito o alfabeto manual e toda a palavra é digitada manualmente. Em São Paulo percebo que um grupo de surdos oralizados utiliza somente a pri-

meira letra, por exemplo, “F” na mão, enquanto oraliza toda a palavra “Fabiano”, necessitando que o surdo faça leitura labial para entender toda a palavra.

P (39:49) Eu percebo que em Porto Alegre há muitos sinais diferentes, por exemplo, PESSOA, TIO/ TIA, SHOPPING... enfim, todos esses sinais utilizam como configuração de mão a primeira letra da palavra do português, “p” para pessoa, “t” para tio/tia, etc...

(KARNOPP, 2004)

Apesar de todas as línguas serem conjuntos de dialetos, muita gente pensa e se refere a uma língua considerando unicamente a forma padrão. Assim, surge uma pergunta: O que é um **dialeto padrão**? Em primeiro lugar, é preciso estabelecer um princípio lingüístico: todos os dialetos são iguais. Não existe um dialeto melhor do que o outro, mais correto ou certo. Os gramáticos normativos consideram geralmente que as formas corretas da língua são os dialetos usados na literatura, em documentos impressos, dialetos ensinados nas escolas e difundidos pelos órgãos de comunicação social e/ou os dialetos usados pelos dirigentes políticos, pelos empresários... Um dialeto padrão não é nem mais expressivo, nem mais lógico, nem mais complexo, nem mais regular do que qualquer outro dialeto. Assim, todo e qualquer juízo sobre a superioridade ou inferioridade de certo dialeto será um juízo de ordem social desprovido de caráter lingüístico ou científico.

O que queremos dizer quando afirmamos que alguém usa a forma padrão é que o dialeto que essa pessoa usa em situações formais é mais ou menos idêntico, em gramática e vocabulário, ao

padrão utilizado por líderes surdos na comunidade de surdos, geralmente aqueles mais escolarizados, ou pelos instrutores de LIBRAS.

Como é que um dialeto torna-se o dialeto padrão?

Assim que um dialeto começa a impor-se, ganha, na maior parte dos casos, uma certa dinâmica. Quanto mais “importante” se torna, mais usado é; e quanto mais usado é, mais importante se torna. Pode ser o dialeto usado nos centros culturais (ou educacionais) de um país e pode estender-se a outras regiões. (FROMKIN & RODMAN, 1993, p. 273)

### **Variação lingüística: estilo, calão e gíria**

BAGNO (1999), ao discutir a questão da variação lingüística, afirma que uma das comparações que os estudiosos gostam de utilizar é a da língua como vestimenta. As roupas, como sabemos, são variadas, indo da mais formal (vestidos longos, terno e gravata) à mais informal (biquíni, pijamas). A idéia dos que fazem essa comparação é que não existem, em geral, formas lingüísticas erradas, existem formas lingüísticas inadequadas. A língua assim pode ser comparada com as roupas: assim como ninguém vai à praia de terno e gravata, também ninguém vai a um casamento de biquíni ou de pijama (ao menos, convencionalmente!). De igual modo, ninguém diz “me dá esse troço aí” num jantar formal nem “faça-me o obséquio de passar-me o sal” numa situação de convívio familiar.

Na nossa própria língua podemos usar dois ou mais dialetos. Quando estamos com os amigos nos expressamos de uma maneira; quando

vamos a uma entrevista para um emprego, a tendência é sermos mais formais. Esses dialetos de situação denominam-se *estilos*. Conforme a situação, as pessoas utilizam um *estilo informal* (interlocutor familiar) ou um *estilo formal* (interlocutor cerimonioso). Nas línguas de sinais, observamos que o estilo varia conforme o interlocutor: quando um surdo se comunica com um ouvinte, em geral, tende a fazer sinais de forma mais lenta, utilizando alguma vocalização; quando se comunica com outro surdo, tende a sinalizar de forma natural, sem vocalização.

Uma característica do estilo informal é a ocorrência freqüente de calão. O calão, ou linguagem coloquial, introduz muitas palavras novas na língua combinando palavras antigas com novos significados. Exemplos de termos depreciativos na língua portuguesa: pé de porco (polícia), perua (mulher enfeitada).

Quase todas as profissões, comércios e ocupações têm um conjunto de vocábulos; alguns

são considerados “calão”, outros “termos técnicos”, consoante o status social da pessoa que usa esses termos ‘da moda’. Esses vocábulos são muitas vezes chamados de gíria.

Muitos termos de gíria passam para a língua padrão. A gíria, tal como o calão, começa por um grupo reduzido até ser compreendido e usado por uma grande parte da população. Por fim, pode até perder o status especial de gíria ou calão e entrar no círculo respeitável do uso formal. Na língua de sinais temos muitas gírias, conforme o relato a seguir.

E (43:10) Lembrei do sinal de ‘*droga*’, que é este aqui e um outro que não tem o mesmo sentido do primeiro, pois é uma forma de cumprimento, é uma gíria... mas percebo que há confusão no entendimento do sentido de cada um, aplicados aos contextos de uso.

(KARNOPP, 2004)



DROGA



DROGA (Tchau!)

Além da gíria, em todas as sociedades existem palavras consideradas tabu - palavras que não devem ser usadas ou, pelo menos, que não devem ser usadas num “meio educado”. A palavra tabu teve a sua origem em tonga, uma língua polinésia, e nessa sociedade refere atos que são proibidos ou devem ser evitados. Quando um ato é tabu, a referência a esse ato pode também se tornar tabu. Isto é, alguns atos devem ser evitados e definitivamente silenciados. Por exemplo: palavras com conotações religiosas, palavras que dizem respeito ao sexo, órgãos sexuais e funções naturais do corpo, palavras relacionadas a algumas doenças... (FROMKIN & RODMAN, 1993)

Na língua de sinais há uma configuração de mão que não aparece no alfabeto manual, nem na formação dos sinais, por ser considerada uma forma tabu. A configuração de mão em que o dedo médio está levantado contém um significado depreciativo, sendo também um gesto indecente utilizado pelos ouvintes.

A existência de palavras ou idéias tabu estimula a formação de eufemismos. Um eufemismo é uma palavra ou expressão que substitui uma palavra tabu ou que é usada numa tentativa de evitar assuntos delicados ou desagradáveis. Temos, por exemplo, vários eufemismos para fazer referência à morte (falecimento, descanso eterno, entrada nos céus...).

### **Comunidades de surdos e variação lingüística: um estudo de caso**

Na década de 80, um amplo estudo realizado por KYLE & ALLSOP (1982) elencou as características da população surda. O objetivo

desse estudo foi elaborar uma descrição dessa população, a partir da visão de surdos sobre os aspectos centrais da comunidade surda. Na pesquisa, todos os entrevistados eram surdos, usavam a língua de sinais e muitos deles conviviam com pessoas ouvintes em casa ou no trabalho.

Entre as conclusões apresentadas por KYLE & ALLSOP (op. cit.) está o fato de que pessoas surdas convivem com ouvintes, em seu ambiente de trabalho ou com a família, e que se apropriam de meios visuais para entender o mundo ouvinte. Essa experiência visual para acessar a informação implica criar negociações para o estabelecimento de trocas lingüísticas entre línguas de sinais e línguas orais e esse contato com ouvintes torna-se uma experiência cotidiana na vida de pessoas surdas. Frequentemente trabalham e vivem em locais em que a forma de comunicação com pessoas ouvintes é rudimentar e o acesso aos meios de comunicação é (quase) inexistente. Em alguns centros urbanos, eles encontram seus pares surdos somente duas ou três vezes por semana. Apesar disso, são extremamente próximos uns dos outros, havendo a tendência entre os membros da comunidade surda de casarem entre si ou de residirem próximos uns dos outros. Essa característica social faz com que pessoas surdas mantenham suas vidas na comunidade surda: participando da associação de surdos, realizando atividades conjuntas, estudando em uma mesma escola, empreendendo lutas e reivindicações conjuntas.

A participação em associações, federações, clubes de surdos e a interação com pares surdos, mesmo que seja eventual - duas ou três vezes por semana - evidencia, nos termos de BAKER & COKELY (1980) uma atitude e expressão de escolha por uma comunidade, ou necessidade

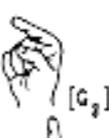
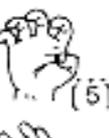
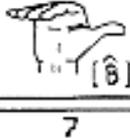
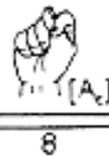
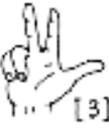
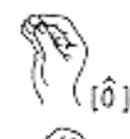
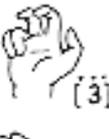
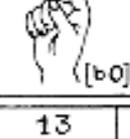
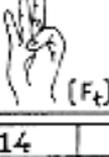
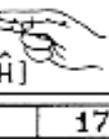
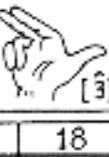
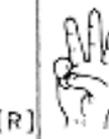
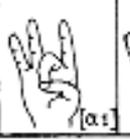
de compartilhar informação e comunicação. Não significa “Eu quero ser surdo”, mas antes “Eu sou uma pessoa surda e desejo estar em contato com outras pessoas que compartilham minha língua” (KYLE & WOLL, 1985, p. 21). Essas características são importantes para entendermos algumas singularidades da comunidade surda.

No estudo realizado por KYLE & ALLSOP (1982), os autores concluíram que não é somente o domínio da língua de sinais ou a surdez que são os elementos essenciais na definição dos membros da comunidade surda; mas também uma atitude surda, ou seja, a participação, o estar junto compartilhando informação e idéias. Neste sentido, há dois planos que interagem quanto à identificação dos membros da comunidade surda: a descrição mais típica (ser surdo e usar a língua de sinais) e outra mais relacionada a ‘atitude surda’.

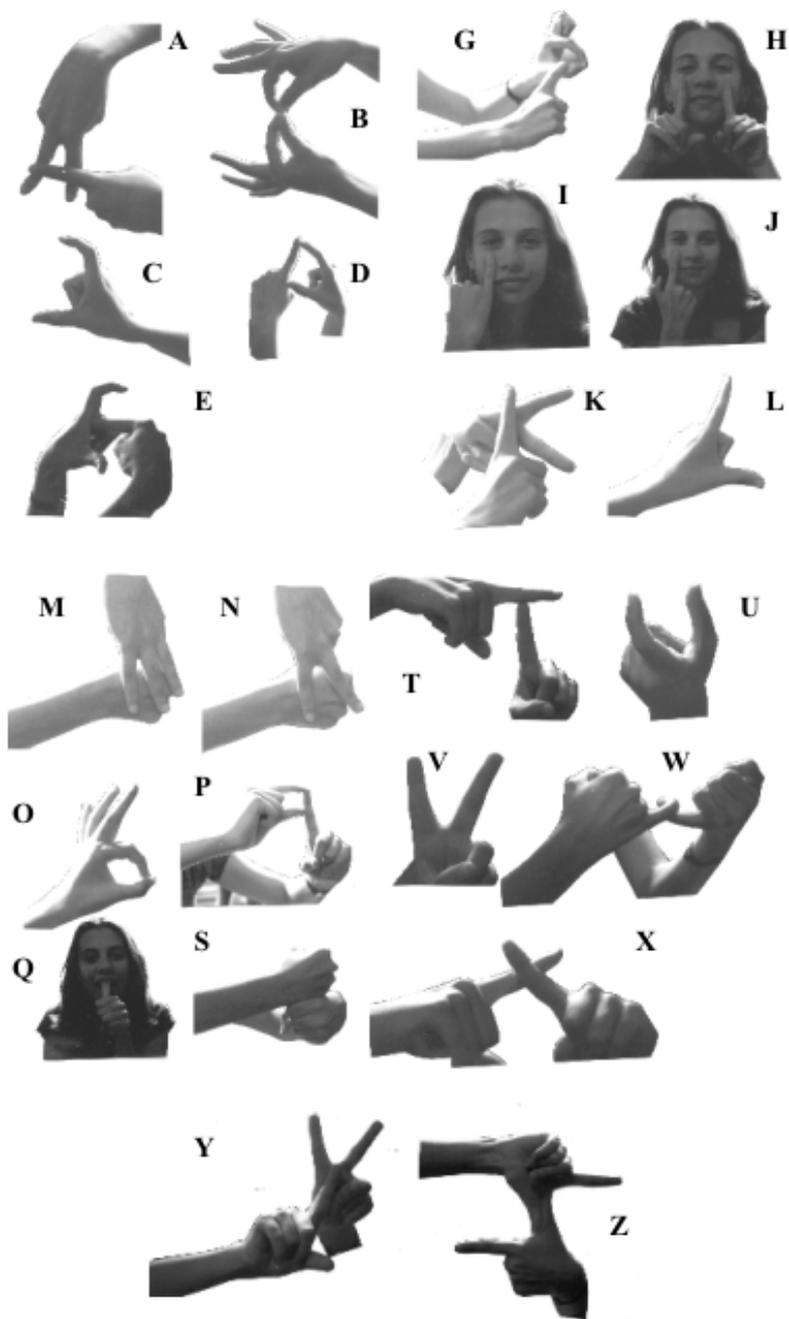
Obviamente há uma cultura surda em diferentes partes do mundo, embora isso não seja tão visível para as pessoas ouvintes. Nos termos de KYLE & WOLL (1985), pessoas surdas trabalham com pessoas ouvintes, mas relaxam com pessoas surdas. Eles não rejeitam a sociedade ouvinte, mas se consideram diferentes. O desejo de estar juntos é a força da vida em comunidade e a força de sua língua, de sua diferença.

Um estudo semelhante ao de KYLE & ALLSOP (op.cit.) foi realizado por Alexandre Goes durante o ano de 2004, pesquisador surdo

integrado ao projeto “Estudos Culturais Surdos: uma abordagem lingüística”. Com o objetivo de investigar a relação entre língua de sinais, cultura e identidade surda, o pesquisador traz evidências da importância dos sinais, mesmo em contextos de uso de sinais por surdos que não convivem com outros surdos. GOES (2004) encontrou exemplos de um alfabeto manual, em que a datilologia foi criada para alfabetizar uma criança surda, filha de pais ouvintes que moravam no interior do estado do Rio Grande do Sul. O alfabeto manual utilizado por essa criança apresenta diferenças em relação ao alfabeto manual de surdos brasileiros que utilizam a LIBRAS, conforme as ilustrações a seguir. A datilologia evidencia a presença de idioletos, de sinais caseiros, criados em situações de não contato de surdos com a comunidade surda. Um fato interessante registrado pelo pesquisador, é que essa criança surda entrou em contato com surdos que utilizavam a LIBRAS no momento em que a família passou a residir em outra localidade. Ao estabelecer contato com surdos, usuários da LIBRAS, essa criança adquiriu a LIBRAS e passou também a utilizar o alfabeto manual convencional, ficando restrita a utilização daqueles sinais caseiros e daquela datilologia somente com a família. Segundo depoimentos da família, o objetivo era facilitar e desenvolver a comunicação com a filha surda e, por outro lado, essa família não tinha informações sobre a existência da LIBRAS e de sua importância no desenvolvimento lingüístico de surdos.

1	2	3	4	5	6	
 [B]	 [A]	 [G]	 [C]	 [5]	 [V]	
 [B̂]	 [Ā]	 [G <sub>1</sub> ]	 [Ĉ]	 [5 <sub>d</sub> ]	 [V̂]	
 [B <sub>d</sub> ]	 [A <sub>d</sub> ]	 [G <sub>2</sub> ]		 [5̂]		
 [B̂ <sub>d</sub> ]	 [A <sub>d</sub> ]	 [G <sub>d</sub> ]		 [5̂]		
7	8	9	10	11	12	
 [O]	 [F]	 [X]	 [H]	 [3]	 [Y]	
 [ô]	 [F <sub>f</sub> ]		 [Ĥ]	 [3̂]	 [ÿ]	
 [bO]	 [F <sub>t</sub> ]		 [Ĥ]	 [3̂]	 [ÿ]	
13	14	15	16	17	18	19
 [α]	 [K]	 [I]	 [R]	 [W]	 [L]	 [E]
 [α <sub>s</sub> ]	 [K <sub>d</sub> ]				 [L]	

Quadro 1 - As 46 CMs da LIBRAS (FERREIRA BRITO, 1995).



**Figura 1** - Alfabeto manual produzido por uma surda.

## CONCLUSÕES

Neste capítulo vimos alguns aspectos da língua em sociedade, apresentando alguns exemplos de idioletos e dialetos nas línguas de sinais. Com base em FROMKIN & RODMAN (1993) vimos que cada um tem a sua própria maneira de usar a língua, de fazer sinais. Afirmamos que usar uma determinada língua implica um conhecimento que vai além do lingüístico. Quando duas pessoas usuárias de uma mesma língua se encontram e começam a fazer sinais, certamente se dá uma interação ampla em que cada uma das pessoas usa a língua com características particulares, denotando se é usuário nativo da língua e de que comunidade lingüística provem. Usuários de qualquer língua prestigiam ou marginalizam certas variantes regionais, a partir da maneira pela qual os sinais são articulados (expressões faciais e corporais, sinais caseiros, entre outros.). Temos então as variantes padrão e variantes não-padrão: os princípios que regulam as propriedades das variantes padrão e não-padrão geralmente extrapolam critérios puramente lingüísticos. Na maioria dos casos, o que se determina como sendo uma variante padrão relaciona-se à classe social de prestígio e a um grau relativamente alto de educação formal dos surdos. Variantes não-padrão geralmente desviam-se destes parâmetros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 1999.
- BAKER, C. ; COKELY, D. **American Sign Language: a teacher's resource text on grammar and culture.** [s.l.,s.n.], 1980.
- FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática das línguas de sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- FROMKIN, V.; RODMAN, R. **An Introduction to Language.** 5<sup>a</sup> ed. Forth Worth: Harcourt Brace Jovanovich College, 1993.
- KARNOPP, Lodenir. **Diálogos Traduzidos.** Tradução de Lodenir Karnopp do diálogo entre surdos universitários. Canoas: ULBRA, 2004. 1 videocassete (50 min), VHS, color.
- KYLE, J. G. ; ALLSOP, L. Communicating with young deaf people. **Teacher of the Deaf**, v.6, p. 89-95, 1982.
- KYLE, J. G.; WOLL, B. **Sign Language: The study of deaf people and their language.** Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- VALLI, C. ; LUCAS, C. **Linguistics of American Sign Language: An Introduction.** Washington: Gallaudet University Press, 1992.